

Setúbal indica o peso político

O ex-ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, classificou ontem com "extremamente importante" a formalização de um acordo entre o governo brasileiro e o Clube de Paris. Setúbal salientou que o desfecho das negociações, "da forma como ocorreu", será um fator decisivo para as discussões futuras com os bancos privados e com o próprio FMI.

De acordo com o ex-chanceler, a ruptura com o Clube de Paris teria consequências danosas para o País. Ele destacou o caráter inovador do acordo, lembrando que o fato de o Brasil não ter precisado do aval do FMI mostra o peso político do País no cenário internacional, "o que terá reflexos sobre as próprias exportações brasileiras". Nem mesmo a possibilidade de o País precisar travar novas negociações no segundo semestre desse ano tira o "brilho" do acordo firmado essa semana, entende Setúbal.

A assinatura do acordo também foi elogiada pelo empresário Laerte Setúbal Filho, vice-presidente da Duratex e ex-presidente da Associação

dos Exportadores do Brasil, para quem as repercussões serão amplamente favoráveis ao País. "Foi uma grande vitória, considerando as circunstâncias em que foram levadas as negociações" — disse Laerte Setúbal, lembrando que "os grandes números (reservas monetárias, nível das exportações e saldo comercial) não eram favoráveis ao Brasil".

Mesmo assim, o empresário entende que o País necessitará de dinheiro novo esse ano, "de qualquer jeito", lembrando que a dúvida agora é sobre o volume de recursos a ser conseguido. "Não há dúvidas de que o acordo com o Clube de Paris abriu perspectivas excepcionais com os bancos e com o FMI, mas não há como evitar a necessidade de entrada de dinheiro novo no País" — disse Laerte Setúbal, para quem essa necessidade deverá variar de US\$ 3 bilhões (desde que se mantenha o atual nível de reserva e de que não haja investimentos) há US\$ 6 bilhões (de modo a elevar essas reservas a patamares satisfatórios).